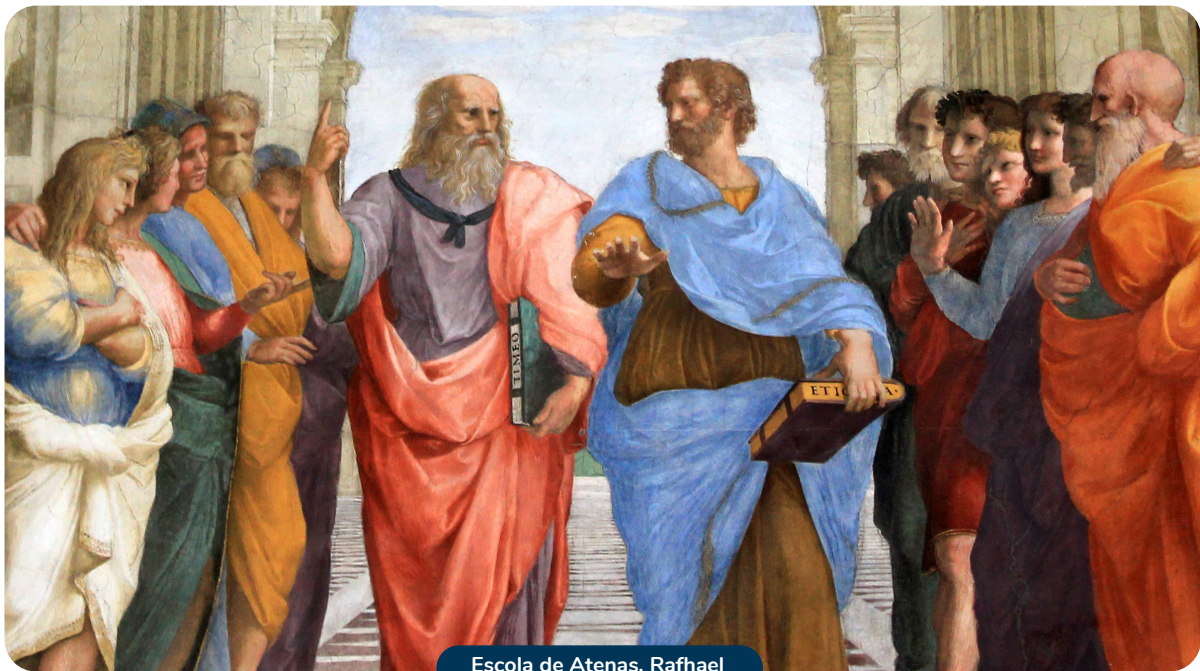




ARCADISMO EM PORTUGAL

Em 1756, é fundada a Arcádia Lusitana, uma academia de arte nos moldes da Arcádia Romana e das academias da Antiguidade Clássica, onde eram criadas diversas obras de arte, como esculturas, pinturas e poemas. Estas novas academias tinham como objetivo combater o suposto “mau gosto” e exagero das artes barrocas, tanto é que as principais características do Arcadismo como escola literária são a racionalidade e a moderação.

Novamente na história existe um período de desenvolvimento das artes e das ciências: o Iluminismo. Nas artes, isso se refletiu no movimento neoclássico; na literatura, surgiu o Arcadismo. Mais uma vez a era greco-romana serviu de inspiração, assim como o relativamente recente Renascimento dos séculos XV e XVI. Por causa destas influências, as obras árcades são marcadas pelo racionalismo e pela clareza.



Escola de Atenas, Rafael

As obras do Arcadismo apresentam muita sobriedade, linguagem simples, sem uso de figuras de linguagem, com métrica e esquema de rimas bem definidos. Os autores costumam usar pseudônimos baseados em nomes latinos e também escrevem como se fossem pastores vivendo uma vida bucólica em meio à natureza.

Os árcades estabeleceram cinco lemas em latim para si mesmos, os princípios temáticos ou clichês neoclássicos:

- ▶ **Carpe Diem:** necessidade de “aproveitar a vida”, visto que ela é curta e o tempo não para.



- ▶ **Aurea Mediocritas:** busca pela “mediocridade dourada”, por um equilíbrio perfeito.
- ▶ **Inutilia Truncat:** lema da Arcádia Lusitana, consiste em “eliminar o inútil” e o supérfluo das criações artísticas.
- ▶ **Fugere Urbem:** necessidade de “fugir das cidades” na vida e na escrita.
- ▶ **Locus Amoenus:** os cenários das obras árcades são “lugares amenos”, sossegados e idílicos, longe do meio urbano, onde seria possível viver uma vida rica de virtudes.

Na época da fundação da Arcádia Lusitana, Portugal vivia um momento de prosperidade, com a constante chegada de ouro da colônia. Na política, o Marquês de Pombal era a principal figura. Um representante do despotismo esclarecido, Pombal governou baseando-se no racionalismo. Ele acabou com a Companhia de Jesus e realizou uma série de reformas educacionais e administrativas em Portugal e no Brasil.

O principal poeta árcade de Portugal foi Manoel Maria Barbosa du Bocage, ou simplesmente Bocage. O poeta comumente assinava seus escritos com o pseudônimo Elmano Sadino - sendo “Elmano” um anagrama (troca das letras) de “Manoel” e “Sadino” uma referência ao rio Sado, que corta a cidade de Setúbal, onde Bocage nasceu.

Como Elmano Sadino, Bocage escreveu sonetos seguindo as regras clássicas de escrita estabelecidas no Renascimento, incluindo o esquema de rimas. Assim como seus contemporâneos árcades, ele escrevia como um eu-lírico simples, ligado ao campo, por vezes fazendo declarações de amor à mulher amada. Observe as convenções árcades neste poema - com versos endereçados à amada Anarda - que lembra as cantigas de amor do Trovadorismo:

Mimosa, linda Anarda, atende, atende
As doces mágoas do rendido Elmano;
C’um meigo riso, c’um suave engano
Consola o triste amor, que não te ofende.

De teus cabelos ondeados pende
Meu coração, fiel para seu dano;
co(m) á luz dos olhos teu Cupido ufano
Sustenta o puro fogo, em que me acende:



Marquês de Pombal



Bocage



Causa gentil das lágrimas que choro,
A tudo te antepõe minha ternura,
E quanto adoro o céu, teu rosto adoro:

O golpe, que me deste, anima e cura...
Mas ai! Que em vão suspiro, em vão
[te imploro:
Não pertence a piedade à formosura

Parte da obra de Bocage pode ser classificada como pré-romântica. Os poemas desta fase são mais sombrios, melancólicos e pessimistas, e a morte é um tema constante. O eu-lírico vive em sofrimento e, arrependido de seus erros, mostra certa revolta. O “locus amoenus” do Arcadismo dá lugar a um “locus horrendus”, um ambiente horrendo. Veja como o eu-lírico deste poema expressa arrependimento:

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava.
Ah! Cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim quase imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não dourava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus e meus tiranos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos desenganos.

Deus, oh Deus!... Quando a morte a luz me roube,
Ganhe num momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

Tanto os poemas pré-românticos quanto os poemas árcades de Bocage apresentam métrica e forma fixas. Há também uma parte satírica na lírica de Bocage. Nestes poemas, ele critica a Monarquia, a Igreja, o Marquês de Pombal e a sociedade portuguesa em geral. É possível encontrar poemas com temas e termos obscenos. Veja a crítica à Monarquia neste poema, escrito no contexto da Revolução Francesa, que espalhava ideais de liberdade, igualdade e fraternidade pelo mundo:

Sanhudo, inexorável Despotismo
Monstro que em pranto, em sangue a fúria cevas,
Que em mil quadros horríficos te enlevas,
Obra da Iniquidade e do Ateísmo:

Assanhas o danado Fanatismo,
Porque te escore o trono onde te enlevas;
Por que o sol da Verdade envolva em trevas
E sepulte a Razão num denso abismo.



Da sagrada Virtude o colo pisas,
E aos satélites vis da prepotência
De crimes infernais o plano gizas,

Mas, apesar da bárbara insolência,
Reinas só no ext'rior, não tiranizas
Do livre coração a independência.

Além de Bocage, outros poetas importantes do Arcadismo em Portugal foram Pedro António Correia Garção e Filinto Elísio.



La Liberté guidant le peuple, Delacroix



ANOTAÇÕES
